

A RELAÇÃO ENTRE OS MISSIONÁRIOS JESUÍTAS E INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL

Ana Lorym Soares

Resumo

Este artigo apresenta uma breve análise das relações que os missionários jesuítas¹ estabeleceram com os índios no Brasil Colônia durante o empreendimento da catequese, buscando perceber o fio condutor entre o discurso e a prática dos missionários católicos da Ordem Jesuítica no seio de suas relações com os habitantes da Colônia. Para tanto utilizo Cartas Anuais do Padre Jesuíta Ascenso Gago, Sermões do Padre Antônio Vieira, bem como bibliografia afim.

Palavras-chave: Jesuítas, Indígenas, Discurso, Ambigüidade.

A História do globo é feita de conquistas e de derrotas, de colonizações e descobertas dos outros.

Tzvetan Todorov²

Segundo o americanista Richard Morse, “o primeiro ato de Colombo ao desembarcar no Novo Mundo foi erguer uma cruz, dessa forma, a conquista teria sido feita em nome do cristianismo, da necessidade de propagar a religião cristã”.³ Todorov em sua análise da figura de Colombo concorda com esta afirmação, no entanto acrescenta que a conquista esteve ligada também a interesses materiais.⁴ No entanto, considero essa conquista como resultado de interesses diversos, ora convergentes, ora divergentes. A atuação da Igreja (materializada na ação da Companhia de Jesus) foi fundamental para a realização desse famigerado projeto, pois cabia aos jesuítas mais que a qualquer outro sujeito colonizador “preparar o terreno” para evitar possíveis resistências a este empreendimento.

O discurso jesuítico acentuava o papel missionário de Portugal no mundo. O padre Antônio Vieira em um de seus sermões dizia que caberia a Portugal, mais que a qualquer outra nação cristã, avançar sobre o mundo e reduzi-lo à cristandade. Como afirma Antônio Vieira:

... digo que esta nova terra e estes novos céus são os do novo mundo descoberto pelos portugueses (...), pois é a terra e o céu que Deus tinha prometido (...) Quando Deus criou o mundo, diz o sagrado texto que a terra não se via porque estava escondida debaixo do elemento água (...) Então dividiu Deus a água, e criou a luz e cessaram as trevas (...) Este foi o momento primeiro da criação; e quem não ver que observou Deus o mesmo na segunda, por meio dos portugueses? (...) Estava o mundo em trevas e às escuras, porque não era conhecido (...) finalmente a ousadia e o zelo dos portugueses desfez este encanto e venceu o impossível.⁵

A tônica dessa declaração recai sobre o esforço das missões jesuíticas como êxito da ação espiritual da Igreja e do fortalecimento temporal do Estado português. Assim, a fundação de aldeamentos interessava ao governo português, da mesma forma que aos jesuítas, pois era esse método a chave para um povoamento branco menos obstacularizado, ou seja, o índio doutrinado e “civilizado”, era um nativo que deixava de opor-se intransigentemente ao avançar dos colonos em suas terras, ao ser evangelizado poderia servir como mão-de-obra semi-servil, ou até mesmo escrava em diversas atividades.

Foi bastante comum o uso de indígenas cristianizados como aliados nos conflitos bélicos contra aqueles indígenas que resistiam à colonização. Isto consistia numa velha tática dos colonizadores, em dividir para melhor controlar. O índio era estimulado a guerrear e a fazer paz com seus conterrâneos ao bel prazer de interesses coloniais alheios aos seus, não havia respeito os seus costumes e vontades em quase nenhum momento. Não devemos esquecer, que embora tenha sido a Companhia de Jesus que tomou para si a missão de convencimento dos nativos à posição de súditos da Coroa, ela não recusou os benefícios temporais advindos do processo de exploração do trabalho indígena, e, juntamente com os colonos e com a Coroa, gozou das vantagens obtidas com o resultado da redução dos nativos.

Para os jesuítas não era ilícita a conciliação das funções espirituais e temporais, impelindo-os à negociação política capaz de promover a efetivação dos seus planos. Assim consideravam que eram eles, antes da Coroa e dos colonos, capazes de administrar de forma adequada os contingentes indígenas, argumentando que os outros praticariam maus tratos aos nativos, ocorrendo na maioria das vezes, ao extermínio dos autóctones que ficavam sob seu “olhar”.

Por conta disso, houve diversos conflitos entre os missionários, os colonos e o governo luso.⁶ É válido ressaltar, que quando uma dessas três categoriais envolvidas no projeto da colonização obtinha para si o comando e o controle incontestes dos destinos e propriedades dos nativos, tornava-se bastante poderosa e conseguia acumular para si bastante riqueza, pois disponibilizava de dois bens indispensáveis à acumulação de capital: a terra e o trabalho. Trabalho este, muitas vezes escravo e com a presença não rara de maus tratos de toda sorte.

A respeito da escravidão do índio pode-se ler nos escritos do padre Antônio Vieira a posição da Companhia de Jesus, e perceber também o quanto o discurso do direito da liberdade natural do indígena, tão corrente entre eles, acomodava-se ao seu projeto particular, ao mesmo tempo em que se acomodava ao projeto da colonização em âmbito geral. Em um trecho dos seus sermões o padre Antônio Vieira concilia muito bem a “consciência cristã” e as práticas de eficácia temporal, ele inicia encarecendo o valor da alma sem preço que lhe pague o bastante e diz:

Se para assegurar consciência e para salvar alma, for necessário perder tudo e ficar como Jó, perca-se tudo. [Entretanto, muito a tempo, não crer que seja o caso] Bom ânimo, senhores meus, que não é necessário chegar a tanto nem a muito menos. Estudei o ponto com toda diligência e afeto, e, seguindo as opiniões mais largas e mais favoráveis.... [e segue apresentar a solução que “descobre”]... De modo que sempre se possa, com muita pouca perda temporal ainda assegurar as consciências de todos os moradores deste Estado, e de modo que este mantendo muitos grandes interesses possam também melhorar as suas consciências para o futuro.⁷

A acomodação que propõe é resumidamente a seguinte: posse apenas de escravo voluntários; garantias de entrada ao sertão; resgate e cativo justo de índios

em corda, isto é, aprisionados e condenados à morte por tribo rival; manutenção de cativo de índios escravizados em “guerra justa”; rateio entre todos os moradores dos cativos por justa causa, etc. *“Pode haver coisa mais posta em razão que esta? Quem não se contentar e não satisfazer disto, uma de duas: ou não é cristão ou não tem entendimento”*.⁸

No espaço colonial onde se desenrolaram os embates entre jesuítas, colonos e governo percebe-se que nem tudo foi feito como rezava a “cartilha vieiriana”, no entanto, estavam justificadas as suas disposições e práticas em relação ao índio, de maneira que não recaísse sobre eles o flagelo imposto pela consciência maculada pelo estigma da escravidão gentílica. Vieira reitera, inclusive, que a escravidão (sobretudo a negra) é provação e martírio necessário a algumas almas a fim de remi-las e expurgá-las de suas imperfeições, sendo o “estado de graça” fornecido pelo fato de já ter contato com a fé cristã. Mais uma vez os religiosos teriam o papel de conduzi-los a este “estado de graça”.

De fato os jesuítas atuaram no duplo papel de “apascentar” e “defender” as “ovelhas”. A primeira consistia em aldeá-los e enquadrá-los no *modus vivendi* europeu; a segunda consistia na defesa das mesmas “ovelhas” já apascentadas sobre a permanência de sua tutela, pois proporcionariam vários benefícios para a missão e para o intento colonizador.

Para além do empenho em construir teoria eficaz para a justificação dos seus atos, os jesuítas tiveram no seu cotidiano com os índios contato suficiente para por em prática os seus intentos. É insistente entre eles o discurso da obrigação evangélica de ‘pregar a toda criatura’, assim, o esforço da conversão à doutrina cristã é gesto inalienável do contato com os novos povos, independentemente do seu grau de civilização ou racionalidade. É antes de tudo, um dever religioso que se impõem sobre qualquer consideração de inferioridade de natureza ou barbárie de costume, como ilustra o padre Ascenso Gago a respeito dos indígenas cearenses da Serra da Ibiapaba:

São superticiosíssimos e crêem cegamente as mentiras dos seus pagés (...) por muitas vezes os temos convencidos co [m] razões evidentes, mostrando-lhes as falsidades e embustes de seus pagés (...) são também no beber muito desordenados, o primeiro a quem embebedam é

o menino, fazendo beber a força até que caiam (...) é muito dificultoso o tirar-lhes estas bebedisses (...) . No particular dos seus casamentos são depravadíssimos. Entregam as filhas de nove e dez anos de idade a título de multiplicação; e eles a repudiam todas as vezes que querem, recebendo outras em seu lugar. Há entre eles homens que têm tido quarenta e cinqüenta mulheres e todas têm repudiado (...) aos que conosco assistem temos tirado estes bárbaros costumes. Assim, na Serra como na costa do mar, fizemos em chegando, logo igrejas para doutrinar e ensinar aos de língua geral (...) aos domingos e dias santos se lhes diz missa, acudindo também a ouvi-la, e depois da missa se lhes faz a sua prática, e sobre alguns dos mistérios da fé os exortamos a viver conforme os costumes dos cristãos.⁹

É necessário fazer aqui um esboço da base teológica e racional do pensamento comum à Ordem Jesuítica à época para melhor compreender o seu discurso, assim como também, para entender a sua prática que parece muitas vezes contrapor-se ao discurso.

A companhia de Jesus foi fundada em 1539 por Inácio de Loyola na chamada Contra Reforma. Os “exércitos espirituais” de Loyola traziam as velhas noções de espiritualidade bíblica em uma nova roupagem, agora acomodadas na racionalidade dos tratadistas da Segunda Escolástica, que se apoiava em Aristóteles para justificar suas posições e ações no espaço colonial. Renunciavam, em geral, as posições mais idealizadas dos índios que na verdade nunca foram típicas dos jesuítas portugueses. Por outro lado, há a necessidade de incorporar o gentil ao “corpo da Igreja” para chegarem à salvação.

Independentemente do intuito que moveu os jesuítas o resultado da imposição da fé cristã foi sempre negativo para os nativos. Tal imposição constitui em si violência tão cruel quanto a escravização, pois não obstante, a sua natureza diferenciada se dá quase sempre numa relação de mão única, onde o universo nativo é solapado pelo europeu em várias dimensões. Querem a todo custo transformar o nativo em “vassalos do Rei” com todas as implicações advindas dessa categoria, mesmo que para isto seja usada a força (se não pelos missionários, pelos colonos que, algumas vezes o faziam sob audiência da Igreja).

Segundo Todorov, a imposição da religião, embora seja uma forma mais sutil de violência, não é menos evidente e cruel. É violência também não aceitar o outro como ele é. Por outro lado, Todorov levanta algumas hipóteses explicativas sobre essa “pulsão de

domínio” que leva os colonizadores a serem tão violentos e intransigentes. Para ele o massacre dos índios ocorrido na América, não se deixa explicar somente pelo desejo de riqueza, com a submissão de todos os valores ao ouro, ele traz à baila a questão do “gozo de poder” exercido sobre o outro, favorecido pela dissonância entre as leis que regem a metrópole e as que regem a colônia.¹⁰

A colonização enquanto tema de análise ainda suscita muitas indagações, cada vez que alguém se debruça sobre ela pode perceber novos elementos. A ação da Igreja surge no contexto da colonização como paradoxo intrigante e constante, segundo Alfredo Bosi:

Estranha religião, meio barroca meio mercantil (...) a cruz chantada na terra do pau-brasil, e subjugará os Tupi, mas em nome da mesma cruz, haverá quem peça liberdade para os índios e misericórdia para os negros. O culto celebrado nas missões jesuíticas dos Sete Povos será igualmente rezado pelos habitantes que ungidos por seus capelães, irão massacrá-los sem piedade. A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do ‘colo’: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas, são também crentes... É uma luta material e cultural ao mesmo tempo.¹¹

É importante ressaltar que mesmo nesse jogo de poder e relações de forças desiguais que se deu no âmbito da colonização, o nativo pôde se esquivar do que lhe era imposto, e frente à imposição de outros elementos e práticas culturais pôde ressignificá-las e incorporá-las às suas antigas práticas culturais através dos sincretismos. Algumas vezes estes indígenas sacrificaram sua própria vida em nome de uma resistência ferrenha ao projeto colonizador.

De acordo com a historiadora Janice Theodoro na obra América Barroca¹² dificilmente o movimento colonizador tenha destruído por completo as complexas relações interculturais dos nativos, restando apenas escombros, nos quais eles teriam rompido com suas tradições ancestrais em nome da devoção cristã. Hoje sabemos que, como bem diz a autora, não foi assim, e que há ainda remanescentes indígenas praticando sua cultura, que há cinco séculos tentam solapar. Não obstante esta hoje se encontra bastante transformada

pelos vários contatos culturais a que está exposta, da mesma forma que todas as culturas do mundo, visto que a transformação é algo inerente à própria cultura.

NOTAS

¹¹ Escolho essa ordem religiosa por ter sido a mais atuante no Brasil e para fugir de generalizações forçadas, pois não se deve ver as idéias e práticas religiosas da mesma maneira, visto que cada uma dessas ordens, embora apresentem semelhanças, têm suas especificidades.

² TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 6.

³ MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

⁴ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. Op. Cit., pp.3-62. Para Todorov Colombo é um homem especial, diferente, um homem dividido, envolto ao mesmo tempo na mentalidade moderna e na medieval, ele acreditava que estava a realizar uma nova cruzada (termo já em desuso na época da conquista) para a expansão da fé cristã, mas o elemento material seria imprescindível para a manutenção do empreendimento pela Coroa.

⁵ Padre Antônio Vieira Apud PÉCORA, Alcir. Vieira, o índio e o corpo místico. In: *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras: Secretaria de Cultura, 1992, pp. 423-472.

⁶ Alfredo Bosi cita alguns casos de conflitos levados à categoria de perseguição e assassinato de padres. BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1992, pp. 33-34.

⁷ Pe. Antônio Vieira Apud PÉCORA, Alcir. *Vieira, o índio e o corpo místico*. Op. Cit.

⁸ Sermão da primeira domingo da quaresma, XXI. P.p 196-197. In: Pécora, Alcir. op. Cit. Pp. 423-472.

⁹ Carta Ânua do Padre Ascenso Gago In: LEITE, Serafim. *Páginas da História do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1937. pp. 49-50.

¹⁰ Para saber mais sobre essa discussão ver: o tópico “Conhecer, amar e destruir”, no capítulo III da obra. Todorov. T. Op. Cit. pp.151-173.

¹¹ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*.Op. Cit. pp. 15-33.

¹² SILVA, Janice. Theodoro da. *América Barroca: Temas e Variações*. São Paulo: Editora EDUSP/Nova Fronteira, 1992.